

Uma Aventura

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Ilustrações de
Arlindo Faundes

no labirinto misterioso



CAMINHO

Ficha Técnica

Título: Uma Aventura no Labirinto Misterioso
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Capa: Arranjo gráfico da Editorial Caminho
sobre ilustrações de Arlindo Fagundes

ISBN: 9789722121521

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, SA, Lisboa - 2007

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

*Aos queridíssimos
Inez, Tomás, Manel, Joaquim, João e Francisco*

Capítulo 1

Charlene Leão

— Já chegou a Marlene?

— Não é Marlene, é Charlene.

— Que raio de nome!

— Deixa lá o nome. Se ela nos contratar, em vez de trabalharmos de graça, sempre ganhamos alguma coisa para as férias.

As gémeas foram espreitar à janela ansiosas por verem chegar a senhora que tinha contactado o clube Foto Natureza para saber se havia alguém disponível para trabalhar com ela durante alguns dias.

— Será velha ou nova?

— Não sei. Mas deve ser gorda — disse a Luísa. — Charlene é nome de mulher gorda, não achas?

— Talvez — respondeu a Teresa. — Gorda, de cara bolachuda e cabelo loiro com madeixas vermelhas.

— E unhas pintadas da mesma cor.

Chico estava a cortar papel com uma lâmina afiada perto da janela onde as gémeas se tinham empoleirado. Ouviu o que diziam e meteu-se na conversa.

— Daqui a nada estão a dizer que a mulher tem mau hálito... Ainda não a viram e já lhe fizeram o retrato.

— São efeitos do curso de fotografia — comentou o João.

— Olhem lá, se vocês não fazem nada senão conversar, ainda correm connosco do clube Foto Natureza — lembrou o Pedro. — Temos de apresentar tarefas prontas.

— Ora! Amanhã já cá não estamos.

— Porquê?

— Porque a tal Charlene vai contratar-nos. Aposto que vai!

Um monitor aproximou-se e eles calaram-se imediatamente, fingindo não pensar senão no trabalho que tinham em mãos. Disfarçadamente cruzavam olhares e sorrisos.

— Ai o clube Foto Natureza! — suspirou o Chico impaciente. — Se eu soubesse...

A ideia de se inscreverem naquele clube tinha sido do Pedro. Encontrara o anúncio na Internet, era barato, parecia giro e dava para se entreterem naqueles primeiros dias de férias em que não tinham programa nenhum. Ao princípio todos acharam graça. Aprenderam a trabalhar com máquinas fotográficas profissionais, os truques para fotografar plantas minúsculas e insectos em pleno voo, a revelar rolos inteiros em câmara escura com tinas e líquidos, como nas lojas. Mas começavam a ficar fartos de fazer sempre a mesma coisa e o monitor, que também parecia estar farto deles, tinha-se tornado rígido e chato. As gémeas foram as primeiras a querer desistir e iam dizer isso mesmo quando chegou a notícia: uma amiga do monitor-chefe chamada Charlene Leão precisava de contratar pessoas que soubessem fotografar para substituírem os ajudantes dela, que iam de férias. E pagava muito bem. O monitor falou no assunto, mas o resto da malta do clube Foto Natureza já tinha outros projectos, só eles é que estavam livres, aceitaram e as famílias autorizaram.

— Se ela nos quiser, resolvemos dois problemas de uma vez só: ganhamos dinheiro para gastar no resto das férias e pomo-nos a andar deste clube, sem termos de confessar que não aguentamos mais!

— Olha, Chico! Olha! — chamou o João. — Aposto que é aquela brasa que vem ali!

Penduraram-se todos na janela e viram sair de uma carrinha de nove lugares uma rapariga nova, gira, magra, de *jeans* e *top* que lhe deixava o umbigo à mostra.

— Ela devia chamar-se «Charlene Leoa» — comentou o Chico. — Já viram a cabeleira?

— Foi a única coisa em que acertámos — disse a Luísa. — É loira.

— E tem juba.

— Mas será ela?

Era. E todos a adoraram desde o primeiro minuto porque se mostrou simpatiquíssima, porque ofereceu um pagamento estupendo e porque também simpatizou logo com eles.

— Que bom! Três rapazes e duas raparigas, dá-me imenso jeito, sabem? Há muito que fazer e tenho pouco tempo. Vocês querem mesmo vir comigo? Que bom! Que bom!

— Quando é que começamos? — perguntou o Chico. — Amanhã?

Charlene sorriu bem-disposta.

— Se vocês quiserem até podem começar hoje mesmo.

Chico atirou a tesoura e o papel de fotografia para cima da mesa e limpou as mãos uma à outra como quem pensa «Desta já me safei!».

— Melhor ainda. Diga lá o que é que vamos fazer.

— O que vão fazer é o que aprenderam aqui.

— Sempre serviu para alguma coisa — cochicharam as gémeas.

— Quer fotografias de moscas, aranhas ou formigas?

Ela tornou a rir.

— Não. Eu ando a fazer um estudo sobre os jardins portugueses que têm labirintos.

— E há muitos? — perguntou o João. — Nunca vi nenhum.

— Se calhar já viste mas não reparaste. São jardins com arbustos plantados muito juntinhos e cortados de maneira a parecerem muros verdes, muros de folhas. Geralmente as plantas são buxos e formam caminhos. Uns têm saída e outros não. A pessoa, quando entra, tem de andar à procura do caminho certo para poder sair.

— Então é como alguns passatempos das revistas e jornais.

— Exacto.

— E vale a pena estudar isso?

— Para mim, vale imenso. É a minha especialidade.

Hesitou um instante a pensar se devia ou não alongar-se nas explicações, mas preferiu dar uma informação que de certeza os entusiasmaria.

— O jardim que vamos estudar é numa quinta fabulosa que tem um palacete com mais de cem anos. O labirinto foi plantado pouco depois de construírem a casa e diz-se que está envolvido num mistério que nunca ninguém conseguiu desvendar — como os olhos deles luziram, Charlene acrescentou, baixando um pouco a voz: — Então que tal? Querem ir comigo hoje mesmo dar uma primeira vista de olhos no labirinto misterioso?

— Queremos! — responderam em coro.

— Só há um problema — disse o João — é que nós temos lá fora os nossos cães.

— E qual é o problema?

— Não podemos sair e deixá-los no clube.

— Claro que não. Tragam-nos.

— O das gémeas é um pequeno caniche mas o meu é um pastor-alemão — informou um pouco a medo.

— Mas obedece-te?

— Obedece radicalmente. Faz tudo o que lhe digo.

— Então, pronto. Enquanto eu arrumo o assunto com os monitores, vocês vão buscar os cães para nos pormos a andar. Quero que vejam o labirinto misterioso antes do pôr do Sol!

Capítulo 2

A misteriosa Quinta do Labirinto

Quando o jardineiro abriu os portões de ferro e entraram na Quinta do Labirinto pareceu-lhes tudo muito misterioso. A casa enorme, pintada de cor-de-rosa e com algumas manchas de humidade entre as janelas, aparecia por trás de árvores gigantescas. Um vento leve agitava os ramos que, no seu balançar, projectavam sombras de feitios esquisitos pelo chão. Um pavão branco atravessou o relvado soltando um guincho estridente, «a... a... aú...». Por entre a folhagem vislumbraram uma casinha de tijolo ao fundo do jardim com as paredes cobertas de hera e uma janela redonda onde todos julgaram ver uma cara bolachuda a espreitar.

— Então? Gostam?

— Eu gosto, e nunca estive num sítio assim — disse o Pedro.

— Por isso é que tem graça — acrescentou o Chico. — Apetece explorar.

— E descobrir mistérios — rematou o João.

— Parece que mistérios aqui não faltam, vocês vão ver.

Charlene estacionou em frente à porta principal, saltou da carrinha e foi puxar uma corrente de ferro, que accionou um badalo. O «blão... blão» sobrepôs-se aos leves murmúrios da folhagem.

— Venham — chamou. — Mas como não sabemos se a condessa gosta de cães é melhor deixá-los na carrinha.

Eles saíram do carro de nariz no ar, com vontade de absorverem tudo o que tinham pela frente de uma vez só.

— Olha o feitio das janelas! Acabam em bico!

— E as chaminés?